



SOCIEDADE ABERTA

Seleção natural



Domingues Azevedo
Bastonário da
Ordem dos Técnicos
Oficiais de Contas

O mês de maio é, por excelência, extremamente agitado em termos de prazos (apertados) para o cumprimento de obrigações fiscais.

Contribuintes, técnicos oficiais de contas e a própria máquina fiscal desdobram-se em tarefas para cumprir com os seus deveres.

Ontem foi o último dia para o setor da restauração liquidar a primeira entrega do IVA trimestral ao Estado. O aumento do IVA na restauração para 23 por cento, uma medida precipitada e pouco ponderada por parte do governo, pode levar muitas micro e pequenas empresas a fecharem portas por manifesta incapacidade financeira. Muitas nem fizeram repercutir a subida do IVA nos preços ao consumidor, para evitar agravar ainda mais a quebra do consumo, já de si tão expressiva. Alguns estabelecimentos atiraram já a toalha ao chão. Passou num telejornal de um dos canais nacionais que os sócios de um restaurante de Viana do Castelo, um dos mais conhecidos espaços gastronómicos do Alto Minho, fecharam as portas, incapazes de travar o descalabro desde o início do ano. O IVA a 23 por cento, a diminuição do número de clientes e o aumento do gás e da luz, já para não falar das portagens, foram golpes de misericórdia na marisqueira. Os motivos do encerramento estão estampados no vidro do estabelecimento, agora de portas encerradas.

As entidades do setor têm sido céleres na defesa dos seus associados, denunciando que as entregas do imposto chegaram a duplicar relativamente ao ano passado. A descida dos volumes de negócios tornou ainda mais negro o equilíbrio financeiro. As micro e as pequenas empresas, muitas delas com uma estrutura familiar, são as mais sacrificadas. A insolvência é o destino de muitas. Esta é, em parte, a verdade. Substancial, é certa, mas o efeito do IVA não pode explicar tudo e ser a raiz de todos os males. “Erros meus, má fortuna”, como dizia o poeta Camões. Alguns empresários subestimaram a vertente da planificação, enveredando por modelos de gestão dos seus negócios algo amador e que não acompanharam a evolução dos tempos, descuidando inclusive um acompanhamento permanente e os conselhos avalizados por parte dos profissionais da contabilidade e da fiscalidade, que devem ser entendidos como peças imprescindíveis na dinâmica global da empresa.

Não querendo puxar a brasa à minha sardinha, é preciso que quem lidera um negócio, independentemente da sua dimensão, se consciencialize que a contabilidade não é um custo de contexto que tem que ser suportado à força, mas sim um valor acrescentado para a sustentabilidade dos negócios. Um empresário e uma empresa do século XXI não conseguem sobreviver sem informação contabilística de qualidade, qual GPS dos negócios.

Esta crise, qual tsunami, vai deixar marcas indeléveis neste setor. À semelhança da lei da seleção natural, os mais capazes e adaptados à realidade vão sobreviver, os restantes vão, inexoravelmente, soçobrar. Quando o temporal amainar, a destruição será imensa, mas pelo menos que saibamos, a partir do que restou, construir negócios assentes em estruturas empresariais mais sólidas, conscientes da realidade e melhor preparadas para reagir à adversidade. ■

Artigo escrito segundo o
Novo Acordo Ortográfico